

## LEITORES DE MUNDO: O ENSINO DE HISTÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE

Alice Menezes Batista<sup>1</sup>; Isabela Soares do Valle<sup>2</sup>; Samira Lavigne de Oliveira<sup>3</sup>; Martha Rebelatto<sup>4</sup>; Cleidiane Lemes de Oliveira<sup>5</sup>

1 Alice Menezes Batista, Bolsista IFMG, Química, IFMG *Campus* BETIM, Betim - MG; alicemenezesb@gmail.com

2 Isabela Soares do Valle, Bolsista IFMG, Química, IFMG *Campus* BETIM, Betim - MG; isabelsoares487@gmail.com

3 Samira Lavigne de Oliveira, Voluntária, Química, IFMG *Campus* BETIM, Betim - MG; samiralavigneol@gmail.com

4 Martha Rebelatto: Pesquisador do IFMG, *Campus* Betim; martha.rebelatto@ifmg.edu.br

5 Cleidiane Lemes de Oliveira: Professora Substituta, *Campus* Betim, cleidiane.oliveira@ifmg.edu.br

### RESUMO

O presente trabalho tem entre seus objetivos analisar e contribuir com reflexões acerca do ensino de história, especialmente no processo de construção de alunos capazes de se apropriar do saber como ferramenta para o enfrentamento dos desafios da vida cotidiana. Para atingir este objetivo iremos tornar as aulas - concepção, planejamento e prática - como objeto de análise. Pretendemos com isso, realizar uma sólida reflexão sobre o ensino de história na contemporaneidade e, com base nesta reflexão criar uma publicação de material didático voltado para professores. O recorte temático/temporal proposto para este trabalho é "escravidão no Brasil Império" e pretendemos, com esta escolha, auxiliar instituições e professores a atender os requisitos da lei nº 10.639 de 2003, que estabelece a obrigatoriedade da inclusão no currículo oficial da rede de ensino a temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Além disso, pretende-se levar para a sala de aula tanto conhecimentos sobre a nossa história quanto debates em torno da construção do conhecimento histórico, abordando questões próprias do debate teórico-metodológicos e conceituais em torno desses conhecimentos e os recortes e escolhas dos professores para significar o conhecimento histórico escolar. O presente projeto está alinhado com as pesquisas recentes sobre ensino de história, ao pensar a sala de aula como um espaço formativo de ressignificação dos conteúdos e o professor como professor-pesquisador que interpreta, ressignifica, seleciona e aborda os conteúdos baseados em sua formação e nos objetivos propostos para a disciplina. A metodologia inclui leitura de textos acadêmicos, seleção de materiais e metodologias para a construção de materiais didáticos e aplicação das aulas. Ao final do projeto se espera que as análises realizadas possam contribuir no âmbito prático da sala de aula e da melhoria da qualidade do ensino, mas também no científico pelas reflexões teórico-metodológicas em torno da construção das aulas, das práticas de ensino e do ensino de história.

### INTRODUÇÃO:

De modo categórico, afirmamos ainda uma vez que, por meio de uma aula, também se conta uma história; que, ao se contar uma história por meio de uma aula, também se faz história; e que somente ao se fazer história por meio de uma aula nos tornamos professores de história. Por termos de um modo singular uma proposição, podemos afirmar que também somos autores. (MATTOS, 2006, p. 11)

Segundo a minuta proposta para a Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, este em todas as suas modalidades de ensino e as suas formas de oferta e organização, além dos princípios gerais estabelecidos para a educação nacional no art. 206 da Constituição Federal e no art. 3º da LDB, "será orientado pelos princípios da pesquisa como prática pedagógica para inovação, criação e construção de novos conhecimentos, bem como da indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos protagonistas do processo educativo".<sup>1</sup> Com base no documento e nos debates recentes sobre o ensino de história, entende-se que, problematizar acerca do ensino de História, das tecnologias educacionais e dos desafios da educação no presente nos habilita cada vez mais a contribuir, tanto enquanto professores pesquisadores como enquanto Instituição de Ensino, para a melhoria na qualidade e efetividade das metodologias de ensino e da educação no Brasil.

<sup>1</sup>[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=98291-texto-referencia-consulta-publica&category\\_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=98291-texto-referencia-consulta-publica&category_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192) - Visto em 26/10/2018.

Daí surge nossa problematização, como pensar na construção de aulas, para além de um conjunto de referências, que possibilitem refletir sobre aspectos primordiais ao ensino da disciplina de História, tendo como base as nossas práticas e vivências como professores de história em um Instituto Federal, mas que não se restrinjam a elas e possam auxiliar outros tantos professores de história? Assim, pretende-se contribuir no processo de formação de alunos capazes, como fala Renilson Ribeiro, de se apropriar do saber como ferramenta para o enfrentamento dos desafios da vida cotidiana (RIBEIRO, 2018. p. 8-12). Para atingir este objetivo iremos tornar as aulas - concepção, planejamento e prática como objeto de análise. Pretende-se com isso, realizar uma sólida reflexão sobre o ensino de história e, com base nesta reflexão criar material que possa, inclusive, ser publicado e divulgado para além do âmbito do IFMG-Betim sobre um tema específico, escravidão no Brasil Império.

A historiografia brasileira sobre escravidão, a partir da década de 1980, inspirada sobretudo em estudos de E. P. Thompson passou por uma grande revisão, buscando ressaltar os escravizados enquanto agentes sociais de transformação da escravidão, ultrapassando a análise dos aspectos jurídicos ou legislativos da questão (LARA, 1995. p. 46). Todo um novo horizonte de temas, abordagens e fontes passou a ser desvendado, abordando a história através dos homens e mulheres que a construíram num movimento constante, tecido através de lutas, conflitos, resistências e acomodações e ambiguidades. Embora já seja possível observar os resultados destas pesquisas em livros e materiais didáticos mais recentes, elaborar aulas que levem os alunos a refletir sobre o longo passado escravista do Brasil e suas implicações na formação da sociedade brasileira ainda é um desafio. A escolha do recorte temático que irá iniciar nossas reflexões sobre o ensino de história, escravidão no Brasil Império, foi feita pensando em fornecer subsídios para que professores e instituições possam cumprir com efetividade às determinações da lei nº 10.639 de 2003, que estabelece a obrigatoriedade da inclusão no currículo oficial da rede de ensino a temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Desta maneira, a presente pesquisa contribui no âmbito prático da sala de aula e da melhoria da qualidade do ensino, mas também no científico pela reflexão metodológica em torno da construção das aulas e práticas de ensino.

Os questionamentos em torno do ensino de história vêm se consolidando como campo de pesquisa especialmente a partir da década de 1990. O professor como detentor e produtor de um conhecimento específico e a sala de aula como espaço de produção de saberes, ganham força em programas de pós-graduação e em cursos de formação de professores. Neste sentido, o presente projeto está alinhado com as pesquisas atuais, ao pensar a sala de aula como um espaço formativo de ressignificação dos conteúdos e os professores como professor-pesquisador que interpretam, ressignificam, selecionam e abordam os conteúdos baseados em sua formação e nos objetivos propostos para a disciplina.

As pesquisas na área do ensino de história constituíram-se como um campo, a partir da década de 1970, cujas pesquisas eram baseadas sobretudo nos relatos de experiência, ainda com pouca reflexão teórica. A partir dos anos 80, as pesquisas se tornam mais diversificadas perpassando pelo papel do livro didático, por diferentes linguagens - como cinema, a história em quadrinhos, literatura, dentre outros, pelos currículos e pela formação de professores. Neste período, também ganhou força um questionamento relacionado às pesquisas que de algum modo deslegitimam os saberes e práticas docentes. Neste sentido, autores como Déa Fenelon elaboram críticas aos estudos que viam no professor um "vulgarizador" do conhecimento produzido na academia e acabava por estabelecer uma hierarquia que separava e colocava o historiador - bacharel - em um lugar superior ao professor - licenciado (FENELON, 1983, p. 26 – 27). A partir destas produções, a década de 90 foi marcada pela busca de novos enfoques e paradigmas para a compreensão da prática docente. Os programas de formação de professores, as pesquisas, os eventos, os grupos de pesquisa e as produções bibliográficas passam a refletir mais significativamente as problemáticas relativas aos saberes do professor, como este interpreta, ressignifica, seleciona e aborda os conteúdos.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Para panorama mais aprofundado sobre as pesquisas no ensino de História Ver: COSTA, Aryana Lima; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. O ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. *Seculum* - Revista de História. João Pessoa, n. 16, jan/jun.2007. p.147-155.

A sociedade moderna apresenta várias crises de modelos/padrões normativos (família, emprego, questões raciais e de gênero, etc.) o que coloca para os professores o desafio de auxiliar os estudantes a compreender melhor o mundo repleto de tantas variáveis (THEODORO, 2003. p. 50-51). Para esse entendimento é preciso inicialmente compreender que todos nós fazemos parte do mundo, assim a história, como nos fala Maria Auxiliadora Schmidt, tem como uma de suas finalidades ensinar que nossas identidades são tecidas coletivamente, em espaços e tempos diversos, que a forma como nos enxergamos e entendemos hoje depende tanto de contextos do presente como da forma como o passado nos é apresentado (SCHMIDT, 2016. p. 22). Para que os objetivos da aprendizagem histórica sejam alcançados é preciso constantemente refletir sobre a prática docente, as formas de ensinar e construir o saber histórico em sala de aula, as mudanças na sociedade, a realidade dos alunos, as condições de ensino e os objetivos do ensino de história na contemporaneidade. A própria lei nº 10.639 de 2003 pode ser analisada como fruto de pressões de grupos da sociedade para que parte da história brasileira não fosse relegada e a construção de identidades plurais e positivas para a população negra seja tão possível quanto para a população branca. Neste sentido, a aprovação da lei pode ser interpretada como um indicativo de mudanças sociais que passam a ser também educacionais, pelas demandadas de setores da sociedade e que levam as instituições de ensino e professores a questionar e reconstruir a sua prática. Repensar a sala de aula e o ensino de um modo mais amplo se torna necessário para que se possa acompanhar as mudanças sociais, conceituais e geracionais, propondo atividades significativas, reflexivas e analíticas para os alunos.

Para Schmidt, a aprendizagem histórica deve levar em consideração categorias como a interculturalidade, abrindo possibilidades para reflexões mais complexas sobre a formação brasileira, em sua diversidade, no presente e no passado (SCHMIDT, 2016. p. 22). Neste sentido, a reflexão sobre a forma como o período escravista brasileiro é ensinado se faz urgente, para que possamos compreender as forças que atuaram para a construção e manutenção de uma sociedade tão desigual como a brasileira. Segundo Simone Calil Ramos, em dissertação de mestrado defendida no ano de 2009 no programa de pós-graduação em Educação UFMG, que estudou as representações que os alunos do ensino médio tecem sobre a escravidão negra no Brasil, a visão vitimizadora do escravizado ainda prevalece (RAMOS, 2009). Este e outros estudos que analisam o ensino da temática da escravidão ou versão sobre a representação desta nos livros didáticos, apontam para a necessidade de pensar sobre o ensino de história, para que este possa ser um espaço de produção de saber que dialogue com as pesquisas sobre a historiografia da escravidão e, sobretudo, que construa novas formas de refletir sobre a escravidão negra em sala de aula. A consciência histórica, como definida por Rüsen, seria “a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p.57). Neste sentido, pretendemos pensar o ensino de história, buscando formas de construir junto com os alunos o entendimento que os indivíduos escravizados possuíam consciência histórica que os orientava de forma particular na agenda da sua vida.

#### **METODOLOGIA:**

Para os alunos na escola, a visão de que o presente é normal tende a ser ainda mais pronunciada. Quando os estudantes assumem o seu mundo presente como definidor do que é normal para a vida humana, não é de surpreender que eles esperem poucas mudanças em suas vidas futuras (LEE, 2016. p. 137).

A tarefa aqui proposta precisa, em nosso entendimento, articular três dimensões distintas, mas completamente entrelaçadas. Em um primeiro momento é preciso definir quais os conceitos devem ser desenvolvidos para que o aluno possa usar o conhecimento histórico aprendido na escola nas leituras que estabelece com a sua realidade e que, assim, seriam fundamentais para alunos de Ensino Médio. Em um

segundo momento, é necessário pesquisar, analisar, selecionar quais documentos serão utilizados nos planos de aula para conseguir atingir os objetivos estabelecidos. Por fim, pensar metodologias de ensino aplicadas as práticas em sala de aula que sejam potencializadoras da aprendizagem e dos conceitos estipulados no planejamento.

Embora, para fins didáticos e metodológicos, as etapas da pesquisa se apresentem separadas, efetivamente as três dimensões devem entrecruzar-se em vários momentos. Isso porque, a definição das ideias-chave para o conhecimento do passado deve partir tanto de bases legais quanto perspectivas histórico-políticas dos professores e dos alunos envolvidos, sendo assim, são passíveis de reflexões e ajustes ao longo do projeto. A segunda e a terceira etapas precisam necessariamente andar juntas, pois a escolha de metodologias de ensino pode influenciar na definição das fontes/documentos/materiais e vice-versa. Ou seja, a seleção dos documentos e metodologias para serem utilizados em sala de aula ou mesmo na produção do conhecimento necessário pelo professor para elaborar e desenvolver a sua aula não são neutros, e estão solidamente relacionados com a primeira etapa, ou seja, com a visão que o mesmo tem de quais são os conceitos históricos fundamentais para o aluno, dentro do tempo e das condições de ensino que se apresentam em cada realidade.

No que se refere aos conceitos a serem desenvolvidos com a disciplina de História no Ensino Médio, parte-se de uma revisão bibliográfica tanto da historiografia sobre escravidão quanto de debates sobre o ensino de história. A segunda e a terceira dimensão da pesquisa - seleção de materiais e propostas de práticas para a sala de aula - se dará de forma dialogada e se baseará na perspectiva da literacia histórica e da consciência histórica, tal como defende Peter Lee (LEE, 2006). Para Lee, o ensino de história deve permitir uma reorientação cognitiva para o mundo, ajudando os alunos a elaborar visões de mundo mais complexas, que permitam compreender conceitos e os ajudem a se orientem no tempo e estabelecer relações temporais (LEE, 2006. p. 116-121). Esse conhecimento da prática é ainda pouco estudado, e diz da potência do professor de amalgamar seu processo teórico/pedagógico em relações práticas de ensino/aprendizado. Neste mesmo sentido, Renilson Ribeiro nos lembra que a seleção do material didático, assim como dos conteúdos e suas abordagens passa pela decisão política, pelas concepções sobre a história e sobre os processos de ensino-aprendizagem do professor de história. Isso não significa, contudo, que seja um arbítrio do docente, pois a legislação, a comunidade escolar e as autoridades públicas de ensino norteiam estas escolhas (RIBEIRO, 2018. p. 101-102). A consciência histórica, no ensino de história, deve buscar permitir que o estudante veja sua condição no presente tanto como fruto da sua agência como por condições históricas. Desta forma, uma educação histórica, ajuda o aluno a abandonar a visão do presente como algo separado do passado e organizar o passado sob a forma de um conhecimento histórico utilizável, entendendo como as narrativas e os significados sobre a história foram e ainda são construídos no presente (CERRI, 2011. p. 19-55).

Partindo da perspectiva da literacia histórica, as propostas de planejamento, elaboração e realização de aulas de história irá se basear, embora não exclusivamente, em oficinas. A inspiração para a realização deste modelo de aula vem sobretudo do livro "Oficinas de História" das autoras Ana Lagôa; Keila Grinberg; Lúcia Grinberg (LAGÔA; GRINBERG; GRINBERG, 2000). A proposta será trabalhar com documentos e fontes bastante variadas, não só para que o estudante possa ter a perspectiva da complexidade da história com também para que possa experienciar analisar as experiências históricas do homem no tempo por diferentes janelas de observação (literatura, filmes, quadrinhos, games, música, jornais, dentre outros) e, assim, ampliando as formas de acessar e interpretar esse passado e suas conexões e reflexões que trazem sobre o presente. Por fim, destaca-se a articulação permanente entre os professores-pesquisadores e os bolsistas do projeto visando uma problematização constante da prática docente a partir do referencial teórico que orienta a pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O projeto iniciou em março de 2019 e ainda está em desenvolvimento. Até o presente momento foi realizada a primeira etapa, que constava de revisão bibliográfica sobre as temáticas do ensino de história e escravidão no Brasil Império. Para estruturar o projeto, tornou-se necessário realizar reflexões acerca dos desafios para o História atualmente e sobre processos de aprendizagem.

Em função disso, recorreu-se a artigos e livros do meio acadêmico que abordavam a metodologia do ensino histórico, identificando os principais objetivos do ensino e como a relação professor-aluno poderia ser melhor estabelecida. Constatou-se que um dos principais problemas é a disciplina ser tratada como uma “coleção de fatos”. Interpretar a História de tal forma, não leva o indivíduo a utilizar-se daquele conhecimento em seu cotidiano.

Para analisar as pesquisas recentes sobre escravidão no Brasil Império foi realizado dois recortes temáticos: a escrita e a literatura, que busca as produções de autores negros do século XIX e a alusiva aos processos de resistência negra.

A história cultural busca interpretar a cultura popular e seus elementos, analisando as produções de objetos culturais e a sua possibilidade de emprego em pesquisas históricas. Fontes históricas são produtos culturais que possibilitam acesso ao passado, retendo informações sobre o meio que as construíram e servem como guia para pesquisas históricas. Existem diversos tipos de fontes que podem ser consultadas, entretanto, aqui enfoca-se no uso da literatura como um documento possuidor de historicidade. Ela será utilizada como intermédio para solucionar problemas no ensino de história, pois auxilia na construção do conhecimento histórico.

O projeto escolheu como recorte temporal o Brasil Império, portanto torna-se indispensável debater sobre a literatura afro-brasileira produzida neste período. Essa vertente da literatura é reconhecida como um local de afirmação identitária que foge dos padrões europeus. É importante salientar que a literatura afro-brasileira possui critérios de identificação, Eduardo de Assis Duarte (2008) e Domício Proença Filho (2004) reúnem uma série de fundamentos que mostram o perfil dessa literatura, como a denúncia da escravidão, a autoria ser negra, utilização de uma linguagem que se afasta dos traços hegemônicos da língua e a presença do negro como sujeito dentro da literatura.

Como meio de arquitetar uma metodologia que fuja do racismo institucional, buscou-se autores como Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis e Luís Gama. Esses e outros escritores servem como referência para compreender a participação negra na sociedade brasileira, criar um contingente de autores que podem ser incluídos na elaboração do material didático e oferecer aos alunos um quadro que auxilie na construção de uma autoestima relacionada ao empoderamento negro, buscando desfazer estereótipos e preconceitos trazidos pelos discentes.

As formas de resistência dos escravizados foram estudadas de forma não isolada, mas concomitantemente com as mudanças sociais e conjunturais do país, como o crescimento das cidades e a intensificação das políticas abolicionistas. Ao se pensar em aulas que retratam as formas de resistência por parte dos escravizados africanos e crioulos, deve-se tomar cuidado para não cair na armadilha da polarização e construir narrativas que levam a idealizar os escravizados como grandes guerreiros ou o contrário como seres pacíficos e submissos aos senhores, em uma visão romantizada. O presente projeto tem a intenção trazer para a sala de aula a pluralidade das experiências de resistência dentro da escravidão no Brasil Império, bem como construir material didático que explore a complexidade do passado.

## **CONCLUSÕES:**

O projeto, como já mencionado, ainda está em andamento. Até o presente momento foi realizado uma revisão bibliográfica sobre as temáticas do ensino de história e escravidão no Brasil Império. Por meio desta revisão é possível afirmar que as possibilidades de pensar a temática da escravidão em sala de aula são muito amplas e promissoras. Os estudos sobre ensino de história vem ganhando relevância e amplitude no campo acadêmico nas últimas décadas, com isso temos um farto material que pode ser usado de forma diagnóstica para entender os problemas que o ensino de história enfrenta na contemporaneidade, bem

como analisar experiências positivas e metodologias para tornar o ensino da disciplina conectado com os desafios do tempo presente e com as reflexões e conceitos da história.

Da mesma forma as pesquisas sobre escravidão no Brasil império tem se diversificado muito a partir da década de 1980, abandonando o binômio apenas da violência ou da passividade para pensar as experiências e disputas dentro ou conectadas com a escravidão enquanto instituição. Estas pesquisas mostram a complexidade do passado e as diferenças de experiência de acordo com o local, meio social, relações de solidariedade dentre outros fatores e marcadores sociais de distinção.

A partir das reflexões elaboradas, pretende-se produzir um material didático que ajude o professor a pensar em aulas que questionem o período histórico e temática em questão por um viés das problemáticas da história e do ensino da história. Levando para a sala de aula problemas que possam ser pensados a partir da análise de fontes diversas, conceitos, narrativas de época e textos de historiadores, que levem os alunos a refletir sobre a construção do conhecimento histórico, sobre as narrativas em disputa em torno da temática estudada e sobre a pluralidade das experiências vivenciadas no passado. Com isso, espera-se contribuir para construção de um ensino que busque formar alunos capazes de analisar o presente também com base no seu conhecimento sobre o passado e construir reflexões ramificadas sobre a experiência humana, fugindo de simplificações que padronizam tanto o passado como o presente.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CAMPOS, Simone Calil Ramos. Representações e ensino de História: imagens de alunos do ensino médio sobre a escravidão negra no Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011.

COSTA, Aryana Lima; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. O ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. *Seculum - Revista de História*. João Pessoa, n. 16, jan./jun.2007. p.147-155.

FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional da História e a realidade do ensino. *Caderno Cedes*, Campinas, n. 8, p.24 - 31, 1983.

FONSECA, Selma Guimarães. Didática e prática de ensino de História. Campinas: Papyrus, 2003.

LAGÔA, Ana; GRINBERG, Keila; GRINBERG, Lúcia. Oficinas de História: Projeto curricular de Ciências Sociais e de História. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

LARA, Sílvia Hunold. *Blowin'in the Wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil*. Projeto História. São Paulo. 12 out, 1995.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 60, p. 107-146, Jun 2016.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!" Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 21, p. 5-16, 2006.

RIBEIRO, Renilson Rosa. *Fazer História: a importância de ler, interpretar e escrever em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2018.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica - Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Interculturalidade, humanismo e educação histórica: formação da consciência histórica é mais do que literacia histórica? In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo. Consciência histórica e interculturalidade: investigações em educação histórica. Curitiba: W&A Editores, 2016. p. 21 – 33.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

ZAMBONI, Ernesta. Panorama das pesquisas no ensino de História. Seculum - Revista de História. João Pessoa, Departamento de história da Universidade Federal da Paraíba, n. 6/7, jan-dez. 200/2001. p. 105 - 117